A IMPROVISAÇÃO MUSICAL COMO PRÁTICA AUTOMEDIAL NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS MUSICOBIOGRÁFICAS

Comunicação

GTE 04: Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Raíza Silva de Andrade
Universidade de Brasília - UnB
raiza.mus@gmail.com

Delmary Vasconcelos de Abreu
Universidade de Brasília - UnB
delmaryabreu@gmail.com

Resumo: A pesquisa em andamento, apresentada nesta comunicação, tem como proposta investigar a improvisação musical como prática automedial na construção de narrativas musicobiográficas, articulando os campos da Educação Musical e o da pesquisa (auto)biográfica com a teoria da automedialidade. Parte-se da compreensão de que a improvisação ultrapassa a dimensão técnica e estética, constituindo-se como linguagem capaz de expressar memórias, subjetividades, experiências formativas e identidades narrativas. Fundamentado em autores como Ricoeur, Moser, Delory-Momberger, Abreu, Frith e Vila, o estudo propõe compreender a música como *medium*, ampliando a noção tradicional de autobiografia centrada na escrita. A pesquisa dialoga com o conceito de musicobiografização para a construção narrativa, reflexão e constituição de si. Metodologicamente, utiliza pressupostos da pesquisa (auto)biográfica, com fontes e dispositivos formativos nas práticas musicais automediais, revelando elementos biográficos que emergem no fazer musical. O estudo defende que a improvisação musical pode operar como dispositivo automedial de produção de conhecimento, formação e constituição da identidade narrativa, contribuindo para ampliar as possibilidades epistemológicas e metodológicas da pesquisa em Educação Musical.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)biográfica. Musicobiografização. Automedialidade. Improvisação Musical.

Introdução

Este trabalho apresenta a síntese de um projeto de pesquisa no curso de doutorado em música na Universidade de Brasília. O foco da pesquisa está centrado na improvisação musical como prática automedial em processos de musicobiografização e constituição da

identidade narrativa musical. Parte-se da compreensão de que a improvisação musical ultrapassa a dimensão técnica e estética, constituindo-se como *medium*[1] na formação de pessoas com a música. Instiga-nos saber como instrumentistas, que tem a improvisação como competência chave na sua prática musical, podem torná-la uma prática automedial. Essa questão inicial leva-nos ao objetivo principal que é compreender como as práticas musicais automediais são configuradas nos processos de musicobiografização daqueles que se relacionam com a música, em especial o instrumentista.

Mediante a teoria da identidade narrativa construída por Ricoeur (2014) compreendemos nos estudos de Abreu, Arcanjo, Araujo e Souza (2026, p. 135) que, "a identidade narrativa é o ponto de encontro onde o si e o outro se entrelaçam, isto é, eu sou quem sou pelas histórias que compartilho e pelas relações que cultivo". A partir da lógica Ricoueriana a identidade narrativa musical, que se constrói na relação com o outro, emerge da prática musical automedial.

Seguindo com os autores supramencionados, "entendemos que a música e os instrumentos musicais, que também podem operar como *mediums*, não só evidenciam a identidade narrativa do músico, mas também o formam" (Abreu, Arcanjo, Araújo e Souza, 2026, p.128). Nessa perspectiva, a improvisação musical, compreendida como um *medium* pelo qual o instrumentista se inscreve no mundo, poderá ser configurada como mais um dispositivo formativo que ampliará a noção da automedialidade, centrada nas ideias de Moser (2019).

> O termo 'automedialidade' significa uma abordagem interdisciplinar da escrita da vida que presta atenção especial às diversas mídias empregadas em prol da autorrepresentação. O termo foi concebido como uma alternativa à 'autobiografia' (Dünne e Moser 2008a, 11, 2008 b, 15-16; Smith e Watson 2014, 77-78): enquanto as noções de 'autobiografia' e 'escrita da vida' atribuem implicitamente à escrita ('*graphe*') uma função privilegiada como meio fundamental de expressão da subjetividade, a 'automedialidade' leva em conta toda a gama de meios artísticos e tecnológicos empregados na tarefa de autorrepresentação (Moser, 2019, p. 247, tradução nossa).

[1] A noção de *medium* (meio) que dá origem à "medialidade". O *medium* deve ser entendido como o material utilizado – tela, luz, argila, ferro, cor, imagem, por exemplo –, não no sentido do senso comum enquanto uma materialidade passiva sobre a qual age o artista, mas como "o modo de ser artístico de um material" (Passeggi, 2021, p. 6).

Nesse sentido, a música, ou mais especificamente a improvisação musical, pode ser compreendida como uma medialidade, pela qual o instrumentista dá forma à sua subjetividade em diálogo com sua prática artística. Esse modo de se constituir pela improvisação musical lhe abre espaço para musicobiografizar-se com outros *mediums* para além da escrita.

As ideias abarcadas pela musicobriografização e automedialidade ampliam as discussões sobre a música como narrativa, no sentido de que é possível comunicar musicalmente uma história de vida ou fragmentos dela. Nesse sentido, podemos refletir de que forma o receptor experiencia essa narrativa musical, como nos explana Gonçalves (2022):

> é importante pensar na música como uma atividade que se realiza na performance musical, em que vários processos de comunicação e interpretação ocorrem simultaneamente, por exemplo a vontade explícita ou não de contar a história pelo músico, e a possível narrativização pelo ouvinte (Gonçalves, 2022, p.73).

Sobre esta relação entre criador e receptor presentes na automedialidade, Delory-Momberger e Bourguignon (2019) nos esclarecem que "embora a abordagem baseada no *medium* diga respeito principalmente à prática do criador e à especificidade do modo artístico a que recorre, tem a sua contrapartida do lado do receptor e da forma como este experimenta e vivencia as obras" (Delory-Momberger; Bourguignon, 2019, p.3, tradução nossa).

É sabido que o campo da pesquisa (auto)biográfica tem ganhado espaço e se consolidado em diferentes áreas do conhecimento, especialmente nas ciências humanas e nas artes, por defender as narrativas de vida como o enraizamento do paradigma narrativo autobiográfico em defesa da vida em seus processos de formação, construção de identidades e pertencimento de grupos (Passeggi, 2020).

Especialmente no campo da educação, a narrativa tem sido construída pela mediação da linguagem oral ou escrita, como o próprio nome sugere, por meio da grafia, sendo estes os principais meios de elaboração e expressão da experiência vivida. Entretanto, ao desenvolvermos pesquisas no campo da música e das artes, a centralidade oferecida à escrita pode limitar a comunicação e a compreensão de diversas formas de expressão da experiência,

com destaque àquelas que se manifestam por meio da processos de criação artística ou da performance.

> Aqui reside o espaço para outra experiência das criações artísticas, não mais a de meras representações e conteúdos, de meras construções significativas, mas a de formas nascidas da matéria de uma arte em busca de si mesma, do gesto que o artista forjou através das possibilidades, dos limites e das resistências de sua arte: "O acesso à obra passa, então, pela percepção de seu meio (Krajewski, 2016, p. 2)" (Delory-Momberger; Bourguignon, 2019, p.3, tradução nossa).

Nesse sentido, a improvisação musical se delineia como importante *medium*, pensado como prática criativa que se realiza em tempo real, mobilizando memórias, afetos, repertórios culturais e experiências formativas de músicos ou sujeitos que com ela se formam.

Seguindo por esta linha, a automedialidade se destaca como importante referencial teórico por sugerir que diversos *mediums* como o gesto, o som, a imagem, a performance e a escrita contribuem para a construção de processos de constituição de si. A partir dessa perspectiva, a improvisação musical pode ser compreendida como uma prática automedial pela qual o sujeito narra, elabora e performa aspectos de sua própria experiência.

Diálogo com a literatura

O levantamento bibliográfico inicial da pesquisa foi feito com base nos sites da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Catálogo de Teses e dissertações (Capes) e no Google Acadêmico, por meio dos operadores booleanos Improvisação Musical (AND) Identidade (OR) Narratividade (OR) Automedialidade.

A relação entre os termos se justifica da seguinte maneira: sobre Improvisação Musical e Identidade, buscamos exemplificar de que forma a improvisação faz referência à subjetividade das pessoas que se relacionam com a música por meio da sonoridade individual contida na expressão musical, além de discutir a construção de uma identidade narrativa embasada na experiência formativa com a música. Em seguida é feita a conexão entre os termos Improvisação Musical e Narratividade, sendo este último ligado ao conceito de *Storytelling*, apresentando uma bibliografia com argumentos sobre a capacidade de contar

uma história por meio da improvisação. Por fim, relacionamos a Automedialidade e a Improvisação Musical, buscando se há escritos que defendam que instrumentistas possam, não só contar uma história com sua melodia, mas produzir narrativas de si, ao se inscrever no mundo em que a música permeia. Nessa direção, é possível inferir que a automedialidade na improvisação musical contribui para adensar as dimensões da musicobiografização (Abreu, Souza e Araujo, 2025).

Citando a bibliografia que trata da construção da identidade em sua relação com a experiência musical, os autores Marques e Hashimoto (2019) partem da concepção desenvolvida por Simon Frith (1996) no texto *Music and identity*, no qual defende que a identidade do indivíduo pode ser compreendida "a partir da música que se consome ou se produz, ou seja, a identidade musical do indivíduo como resultado da experiência musical praticada (da escuta ao fazer)" (Marques; Hashimoto, 2019, p. 2).

Os autores ressaltam que a construção da identidade musical é o resultado da experiência vivida pelo músico, tratando tal experiência como algo contínuo e transitório. Dessa forma, a identidade é tida como um processo que está em constante movimento e construção permanente. Sob essa ótica, "a identidade é móvel, um processo, não uma coisa, um tornar-se e não um ser em si; e segundo a experiência da música – o fazer musical e a escuta – é melhor compreendida como a experiência do indivíduo em processo" (Frith, 1996, apud Marques; Hashimoto, 2019, p.2).

A literatura que trata a identidade relacionada à música traz, não só a construção identitária do agente da performance, mas também a identidade coletiva que aproxima pessoas por identificação. Nesse sentido a relação dialógica com o outro, reforçando a ideia de alteridade, é trazida ao cerne da construção da identidade, tanto pela escuta, que pode ser mais ou menos ativa, quanto pelo entendimento da música como uma atividade social proporcionada pela ação performativa.

> A questão não é como uma música particular ou uma performance reflete as pessoas, mas sim como ela [a música] os determinam [as pessoas], como ela cria e constrói uma experiência – uma experiência musical, uma experiência estética – que nós só podemos compreender assumindo-a em termos de identidade subjetiva e coletiva (Frith, 1996, apud Marques; Hashimoto, 2019, p.2).

Também corroborando com as ideias de Frith (1996), Vila (2012) cita a relação entre a identidade musical e a narrativa ao defender a capacidade da narrativa em atuar como uma ponte entre a música e a identidade, no sentido de que "se por um lado a narrativa está na base do prazer que sentimos pela música, por outro lado, a narrativa é central para nosso sentido de identidade" (Frith, 1996, apud Vila, 2012, p. 260).

Ao compreender o processo de construção identitária como um movimento basicamente discursivo, o autor explica como a prática musical pode operar na construção da identidade. Nas palavras do autor:

> se estendermos a definição de discurso a todas as práticas em que se intercambiam símbolos, todas as práticas ligadas ao performático e às performances, com sua clara base corporal, transformam-se em discursos, e tais discursos tem implicações identitárias sem que seja necessária qualquer troca de palavras. E é dentro dessa concepção de discurso que as práticas musicais também se transformam em discursos, com precisas influências identitárias (Vila, 2012, p. 250).

Gonçalves (2022) defende em sua tese a relação entre *storytelling*[2] e narratividade musical, com aprofundamentos na literatura acadêmica disponível sobre estes temas e expandindo os questionamentos para a utilização desses conceitos na análise musical, especialmente na prática da improvisação para violão e guitarra solo.

Ao defender a presença da narratividade e a capacidade de contar uma história por meio da improvisação musical, Gonçalvez traz, além da literatura acadêmica, uma série de excertos de entrevistas de músicos improvisadores que ressaltam em suas falas a intencionalidade de construir um discurso musical que comunicasse uma ideia ou história ao ouvinte, e, além disso, que expressasse a individualidade de cada músico, trazendo, assim, por meio de sua improvisação, características próprias que fariam com que os ouvintes relacionassem e reconhecessem o instrumentista pela prática musical.

Dentre as entrevistas citadas, destaco a do trompetista Roy Eldridge em que lamenta não possuir a habilidade de contar uma história por meio de seu discurso musical e prática da improvisação, habilidade que, segundo ele, o trompetista Louis Armstrong possuía.

[2] Termo de origem no inglês, muito utilizado por escritores e roteiristas para definir a arte de contar, adaptar ou criar histórias de forma que envolva o público.

> Eu era um cara jovem, e eu era muito rápido, mas eu não estava contando nenhum tipo de história [...]. Em contraste, cada frase que [Armstrong tocou] levava a algum lugar, ligando-se com a próxima, da maneira como um contador de histórias leva você para a próxima ideia. Louis estava desenvolvendo seus pensamentos musicais, movendo-se em uma direção. Era como um enredo que terminava com um clímax (Roy Eldridge apud Gonçalves, 2022, p.75).

Charlie Parker, outro expoente do jazz e da improvisação citado pelo autor, em entrevista realizada em 1954 por Paul Desmond na qual o entrevistador afirma que Parker "sempre tem uma história pra contar" com seus improvisos, dá a seguinte resposta: "há definitivamente histórias e histórias que podem ser contadas no idioma da música, você sabe..." (Parker, 1954, apud Gonçalves, 2022, p. 75).

Essas citações nos levam à reflexão sobre a intencionalidade do músico improvisador de contar uma história, ou elaborar uma narrativa por meio das suas notas musicais. Partindo dessa premissa e relacionando-a com a famosa afirmação atribuída ao trompetista Miles Davis de que "às vezes leva muito tempo para você soar como você mesmo", pensamos de que forma essa narrativa da improvisação musical pode falar sobre nós mesmos, no sentido de ser autobiográfica, ou, usando o termo de Abreu (2022), musicobiográfica?

Pesquisas recentes que buscam aproximar epistemológica e metodologicamente os campos da Educação Musical e da Pesquisa (Auto)Biográfica trazem a ideia de que as "experiências musicais dos indivíduos implicam em experiências com o si mesmo, com o outro e com o mundo, mediadas pela música" (Abreu, Souza e Araújo, 2024, p.2). Nesse contexto, o conceito de musicobiografização pressupõe compreender o movimento pelo qual o sujeito elabora e ressignifica suas vivências musicais, incorporando-as à construção de sua própria trajetória e do seu projeto de si.

A musicobiografização, entendida como um conceito de natureza teórica e prática, busca favorecer a compreensão de como os sujeitos aprendem sobre si mesmos a partir das experiências vividas com a música. Ao lidar com materiais sonoros e musicais, os indivíduos não apenas se expressam, mas também constroem formas de se constituir e se transformar, atribuindo significados e valores aos seus processos de autoformação por meio de práticas musicais automediais. Dessa forma, a automedialidade presente nessas práticas atua em favor

da narratividade, da reflexividade e da formação musical. É justamente nessa articulação entre experiência musical, constituição de si e produção narrativa que se fundamenta a proposta da musicobiografização em relação à automedialidade (Souza, 2025, p. 11).

Automedialidade como referencial teórico

A automedialidade é um conceito discutido no campo da pesquisa (auto)biográfica para compreender os modos pelos quais os sujeitos constroem narrativas de si por meio de diferentes linguagens e suportes expressivos. Diferentemente da autobiografia tradicional centrada apenas na escrita, a automedialidade considera que a constituição do sujeito ocorre também através de práticas corporais, sonoras, visuais, digitais e performáticas. Nesse sentido, Delory-Momberger e Bourguignon (2019, p. 8) afirmam que as práticas automediais abrangem “todas as formas de expressão e de linguagem”, permitindo compreender os processos de subjetivação mediados por diferentes meios de criação estética. Assim, o conceito amplia a noção de narrativa de si ao reconhecer que o sujeito produz sentido sobre sua experiência por meio de múltiplas materialidades simbólicas.

De acordo com Moser (2019), o termo automedialidade foi concebido como uma alternativa à "autobiografia" e à "escrita da vida". Enquanto essas representações conferem à escrita um papel central na expressão da subjetividade, “a automedialidade leva em conta a plena gama de meios artísticos e tecnológicos aplicados à tarefa de autorrepresentação” (Moser, 2019, p. 247, tradução nossa). Desse modo, compreende-se que a abordagem automedial corresponde a uma perspectiva interdisciplinar das narrativas de vida, direcionada principalmente aos diferentes meios de comunicação utilizados nos processos de autorrepresentação.

> O conceito de automedialidade [...] se baseia na premissa de que os eus não são essências dadas, mas o produto de práticas de si culturalmente determinadas, que necessariamente envolvem o uso de meios materiais (Dünne e Moser 2008a, 12-13, 2008b, 17-18). O eu não está imediatamente presente para si mesmo; ele vem a ser ao estabelecer uma auto-relação ("*rapport à soi-meme*" [Foucault 1984a, 11-12 (1990, 5)]) por meio da mediação. Paradoxalmente, para estabelecer uma auto-relação contínua, o eu deve interromper a comunhão consigo mesmo e recorrer a um meio externo (Tholen 2002, 9). Essa cesura permite-lhe apossar-se de si mesmo,

> por assim dizer, e transformar o eu em objeto de prática de si (Moser, 2019, p. 248).

Ao buscar uma aproximação dos campos da pesquisa (auto)biográfica e da educação musical, Abreu (2026) propõe o conceito de "musicobiografização" para pensar a música como prática automedial, na qual sons, ritmos, instrumentos e performances atuam como meios de subjetivação e elaboração biográfica. A criação artística, portanto, deixa de ser compreendida apenas como produto estético e passa a ser vista como experiência formativa e narrativa de si. Nessa perspectiva, a automedialidade contribui para ampliar os estudos autobiográficos contemporâneos ao valorizar processos expressivos que articulam memória, sensibilidade, corpo e criação como dimensões fundamentais da experiência humana. Nas palavras da autora,

> a automedialidade com sua materialidade musical, permite que os instrumentos de pesquisa (auto)biográfica façam um movimento para a democratização hermenêutica para além da grafia, a fim de que outros *mediums* ganhem a mesma força da escrita como dispositivo pedagógico formativo e de intervenção, o que possibilita falar de educação musical com e pela música, dispondo de meios necessários para levar os sujeitos à musicobiografização (Abreu, 2026, p.1).

Nesse horizonte, a automedialidade não é apenas uma técnica narrativa, mas uma prática de constituição identitária individual e coletiva, e produção de conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Pressupostos metodológicos

A pesquisa em andamento tem como referencial metodológico os pressupostos da pesquisa (auto)biográfica e, de modo mais específico, a perspectiva da musicobiografização. Tal abordagem compreende a música não apenas como objeto de análise, mas como meio de narrar experiências, produzir sentidos e constituir processos de formativos, trazendo o sujeito e sua relação com a música como protagonistas da narrativa musicobiográfica.

A pesquisa (auto)biográfica consolidou-se nas últimas décadas como um importante campo teórico-metodológico nas Ciências Humanas, especialmente por valorizar as narrativas

de vida como espaços de produção de conhecimento, formação e compreensão das experiências humanas. Segundo Delory-Momberger, a pesquisa (auto)biográfica busca compreender os processos pelos quais os indivíduos constroem sentidos para suas experiências ao narrar suas trajetórias de vida. De acordo com a autora, "o campo de conhecimento da pesquisa biográfica é o dos processos [...] de construção de si, de subjetivação, com o conjunto das interações que esses processos envolvem com o outro e com o mundo social" (Delory-Momberger, 2016, p. 136).

No âmbito educacional, a pesquisa (auto)biográfica ganhou relevância ao reconhecer que os processos formativos ultrapassam os espaços institucionais e se constituem nas experiências vividas ao longo da vida. Os relatos autobiográficos permitem que o sujeito relacione passado, presente e futuro, elaborando projetos de si a partir da reflexividade produzida pela narrativa. Dessa forma, a narrativa autobiográfica assume uma dimensão formativa, pois possibilita ao sujeito reinterpretar sua trajetória e atribuir novos significados às experiências vividas. Nas palavras de Passeggi (2021),

> as abordagens biográficas em educação [...] têm como pressuposto comum o poder transformador da ação de narrar a experiência vivida. Admitem que a reflexividade narrativa propicia à pessoa que narra a possibilidade de dar sentido ao que antes não tinha e, ao ordenar narrativamente os acontecimentos, ela (re)constrói outra versão de si e de sua formação (Passeggi, 2021, p.1).

No Brasil, a pesquisa (auto)biográfica desenvolveu-se fortemente a partir dos anos 2000, especialmente com a realização do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica em 2004. Com edições a cada dois anos, o CIPA tem levantado debates sobre as dimensões epistemológicas, metodológicas e políticas da pesquisa (auto)biográfica, contribuindo para o desenvolvimento de termos nocionais nas mais diversas áreas do conhecimento. "Essa abertura para outros horizontes, além da formação de professores, caracteriza o estágio atual do movimento pela abertura para as mais diversas abordagens em Educação, [...] Sociologia, Filosofia, Psicologia, Linguagens, Literatura", Música, entre outros (Passeggi e Souza, 2017, p. 16).

Musicobiografização

Desde 2017 o conceito de musicobiografização vem sendo construído e amplamente discutido no Grupo de Pesquisa Educação Musical e Autobiografia (GEMAB) do Programa de Pós-graduação em música da Universidade de Brasília. Tal conceito tem como objetivo evidenciar o que "os estudos em educação musical podem trazer de contribuição para o campo da pesquisa (auto)biográfica entendendo a música como uma linguagem que possui outros modos de produzir grafia para além da escrita" (Abreu, 2026, p. 3).

De acordo com Abreu (2023) a musicobiografização possui em sua essência a medialidade que sustenta aquilo que dá origem à narrativa musical. Nas palavras da autora,

> trata-se, portanto, de um processo da "reflexão-criativa" com a música, em que o sujeito se volta para si mesmo como autor e narrador, ou para usar termos musicais, como "compositor" e "intérprete". Assim, ele se torna o próprio objeto de reflexão, em estreita relação com a linguagem musical, admitindo-se que é com ela que o sujeito se compreende. Por essa razão, no termo "músico-bio-grafização", a música vem em primeiro lugar como elemento constitutivo, tanto de uma área, quanto do sujeito que com ela busca sentidos para a escrita (grafia) da vida (bio). É a música com a sua materialidade que engendra a musicobiografização. Sendo assim, a música é o elemento mediador da construção de nossas narrativas, mediante práticas e experiências formativas, sobretudo, aquelas em que têm lugar acontecimentos em que a música ganha espaço para a automedialidade. Portanto, a prática musical automedial está implícita no conceito de musicobiografização (Abreu, 2023, p.4).

A automedialidade possibilita que os instrumentos da pesquisa (auto)biográfica promovam um movimento de democratização hermenêutica que ultrapassa a escrita, permitindo que outros *mediums* adquiram a mesma relevância da grafia como dispositivo pedagógico, formativo e interventivo. Dessa forma, torna-se possível pensar a educação musical com e através da música, oferecendo os recursos necessários para conduzir os sujeitos ao processo de musicobiografização (Abreu, 2026, p.7).

Desse modo, a musicobiografização permite que nos debrucemos em questões relacionadas aos processos de formação dos sujeitos com a música, especificamente naquilo que examina os gestos musicais automediais na dimensão constitutiva de si.

Considerações em aberto

A produção de conhecimento no campo da educação musical tem ampliado sua perspectiva nas últimas décadas por meio de pesquisas que desenvolvem abordagens que valorizam a subjetividade, a experiência, a formação e os processos criativos como dimensões constitutivas da investigação acadêmica. Nesse sentido, as pesquisas (auto)biográficas têm se consolidado como um campo importante para compreender os processos formativos, a identidade e a construção de sentido a partir das narrativas de vida dos sujeitos.

Ao pensarmos a improvisação musical como prática musical automedial, baseada na criação em tempo real pela qual o sujeito acessa suas memórias e experiências vividas, podemos vê-la como um espaço privilegiado de manifestação da subjetividade. Por meio da improvisação, o sujeito mobiliza repertórios sonoros, afetivos, intelectuais e corporais que podem expressar aspectos de sua identidade narrativa musical e sua trajetória. Nesse contexto, podemos compreender a improvisação musical como um *medium* de práticas musicais automediais para a musicobiografização.

A automedialidade dialoga com essa perspectiva ao sugerir que as práticas de autorrepresentação são processos mediados por diversas linguagens e materiais. A partir dessa ideia, compreende-se que a construção de narrativas autobiográficas não se limita à grafia ou à fala, podendo ocorrer também por meio de práticas artísticas como a música, a pintura, a fotografia, entre outras. Essas práticas performativas se tornam automediais quando transformadas em narrativas musicobiográficas enredadas pela relação do sujeito com a música e com sua história de vida. Nesse sentido, pensar a improvisação musical como prática automedial possibilita reconhecer a performance sonoro-musical como um espaço de reflexividade na produção de narrativas musicobiográficas.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Práticas musicais automediais na pesquisa (auto)biográfica em educação musical: uma abordagem automedial em um projeto de extensão. 2026. Artigo submetido à *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica* em 08 jan. 2026 (no prelo).

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Musicobiografização: prática automedial em educação musical. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, [S. l.], v. 8, n. 23, p. e1133, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/16523>. Acesso em: 23 jan. 2026.

ABREU, Delmary Vasconcelos de. Um ensaio sobre a musicobiografização como uma vertente para a pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Revista da Abem*, v.30, n. 2, e30202, 2022.

ABREU, Delmary Vasconcelos de; ARCANJO, Edson Barbosa de Oliveria; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães. Tocar, ouvir, narrar-se: a configuração da identidade narrativa musicobiográfica do músico acompanhador. In: *Pesquisa (auto)biográfica no antropoceno: diálogos epistêmicos-metodológicos*. (Orgs.) Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Maria da Conceição Passeggi. Curitiba. CRV, 2026.

ABREU, Delmary Vasconcelos de; SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães; ARAUJO, Gustavo Aguiar Malafaia de. Narrativas musicais como prática automedial para a sala de aula. *Revista Música na Educação Básica*, v. 13, n. 16, e131604, 2024.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 17 maio 2026.

DELORY-MOMBERGER, Christine; BOURGUIGNON, Jean-Claude. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, v. 8. n. 23, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19443>. Acesso em: 08 mar 2026.

GONÇALVES, Rafael. *Storytelling e narratividade*: análise musical e pesquisa artística na elaboração de repertório para violão e guitarra solo a partir de performances de Julian Lage e Jonathan Kreisberg / Rafael Gonçalves. Rio de Janeiro, 2022. 413 p.

MARQUES, Guilherme; HASHIMOTO, Fernando. A identidade musical pela sonoridade na performance de bateria. In: *Anais...* Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-

Graduação em Música, 29., 2019. Pelotas: ANPPOM, 2019. Disponível em: <https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2019/5777/public/5777-20799-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2026.

MOSER, Christian. *Automediality*. Handbook of Autobiografy/Autofiction. Edited by Martina Wagner Egelhaaff, 2019 p. 247-261. Disponível em: <https://www.degruyterbrill.com/document/doi/10.1515/9783110279818/html?srsltid=AfmBOoq_CiiZaaJun2xSi8SiDgzQ8wmNgH_mimWZoGlv7OfZxxSHxbEG >. Acesso em: 20 nov 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, 2(1), p. 6-26, 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens Narrativas na Pesquisa Educacional Brasileira. *Revista Paradigma*, Maracay, v. 41, p. 57-79, jun. 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder (auto)transformador. *Praxis educacional*, v. 17: 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 23 abr 2026.

PASSEGGI, Maria da Conceição; DELORY-MOMBERGER, Christine. Automedialidade: a criação estética como prática humana de reinvenção de si, do outro e do mundo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 8, n. 23, p. 1-4, e1147, 2023. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/19454/12973. Acesso em: 09 set. 2026.

PUJADAS, Juan José. *El método biográfico*: el uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas – CIS, 1992.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Tradução de Lucy Moreira Cesar. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SOUZA, Hugo Leonardo Guimarães. Por que automedialidade na formação musical? In: *Anais...* 27º Congresso Nacional da ABEM, 2025, Curitiba. Comunicação. Curitiba: Associação Brasileira de Educação Musical, 2025.

VILA, Pablo. Práticas musicais e identificações sociais. Significação: *Revista de Cultura Audiovisual*, São Paulo, v. 39, n. 38, p. 247-268, 2012.